

UM OLHAR SOB O OCIDENTE E O ORIENTE: O HIBRIDISMO NO CONTO “O CORTEIRO” DE SALMAN RUSHDIE

Fernanda Aquino Sylvestre¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é verificar como o hibridismo se configura no conto *O corteiro*, de Salman Rushdie, principalmente por meio de dois personagens (Mary e o narrador protagonista) que imigram do Oriente para o Ocidente, mais especificamente da Índia para a Inglaterra. Em especial, deseja-se mostrar as dificuldades que ambos enfrentam ao perderem seus *lugares*, verem-se obrigados a adotar uma língua diferente e conviverem com pessoas de comportamento e valores sociais muito diferentes dos seus, muitas vezes, ofensivos.

Palavras-chave: salman rushdie, hibridismo, conto.

O conto *O corteiro*, do escritor indiano Salman Rushdie, discute os conceitos de identidade e diferença, tão atuais na contemporaneidade. Fazem parte da história o porteiro Miscelânia (chamado de corteiro por uma personagem indiana que tinha dificuldade de pronunciar o som do p); Mary, uma serviçal indiana que morava agora na Inglaterra, com seus patrões; o narrador, membro da família indiana para a qual Mary trabalhava; as três irmãs do narrador (Sherazade, Durré e Muneeza); Abba, o pai do narrador e sua esposa, Amma. Também compõem a narrativa alguns personagens secundários, membros de duas famílias de indianos que haviam se mudado para Londres e que, embora não tenham uma função preponderante na história, são importantes para compor o quadro cultural do Oriente. A história é ambientada em Londres, nos anos sessenta.

O narrador se diz motivado a contar a vida de Mary, segundo ele, porque a considera uma espécie de mãe, pela dedicação dispensada em sua criação. A narrativa se constrói como uma maneira de agradecer à Mary e uma forma de reconstruir o passado do narrador. Ao mesmo tempo em que monta o quebra-cabeça de sua vida, ele

¹ Doutora em estudos literários, professora adjunta I da Universidade Federal de Campina Grande / área de atuação: Literaturas de Língua Inglesa / Doutora em Estudos Literários pela UNESP de Araraquara. E-mail: fernandasyl@uol.com.br

vai tentando entendê-la ao traçar as dificuldades do estrangeiro que se depara com uma nova cultura. Para alguns personagens, como Mary, o Oriente nunca será esquecido; para outros, como o narrador, o Oriente se incorporará à cultura Ocidental e o Ocidente se tornará o local escolhido para se viver e vencer, um local, portanto, integrador.

A grande questão tratada por Rushdie, no conto em estudo, e também em muitas outras obras de sua autoria, é a migração. Como podemos verificar em *O corteiro*, o migrante vive constantemente um processo de adaptação, enfrentando as diferenças culturais, aprendendo como lidar com a co-existência de múltiplas identidades. Em “Imaginary Homelands” (1991, p. 277-278), Rushdie mostra sua visão sobre a imigração, acreditando que aquele que migra sofre uma tripla ruptura: perde seu *lugar*, se vê obrigado a adotar uma língua diferente da sua e convive com pessoas de comportamento e valores sociais muito diferentes dos seus, muitas vezes, ofensivos.

Para melhor se compreender o hibridismo cultural, há que se tomar por base o processo conhecido como descolonização, iniciado no século XX. A partir dos anos sessenta desse século, o colonialismo perde suas forças, sem que se possa, no entanto, dizer que teve um fim. Ao se observar a história atual de muitos países, pode-se notar que o colonialismo ainda é uma realidade. Mesmo com as propostas da globalização, a força do dominador ainda se faz presente, mascarada sob a ideia de uma pseudo-igualdade. Infelizmente, vive-se, ainda, sob o domínio do imperialismo, percebido, por exemplo, na literatura canônica que advém das culturas colonizadoras e na política mundial.

Neste artigo, o objetivo de se estudar o hibridismo é verificar como ele se configura no processo de migração da família do narrador do conto, do Ocidente para o Oriente, evidenciando que a cultura Oriental é massacrada pela Ocidental, conforme mostra Rushdie em *O corteiro*. A família de indianos, que vive em Londres, é vítima de opressão por parte dos ingleses, que chegam muitas vezes a ridicularizá-la, constrangê-la, mesmo sem intenção. As diferenças linguísticas tornam-se abismos intransponíveis para aqueles que vieram do Oriente. A falta de comunicação leva a desentendimentos, a episódios violentos. No conto, como afirma Olinto, o hibridismo tem como proposta “descrever e explicar a mescla complexa de estruturas e práticas socioculturais, de gêneros, discursos e configurações midiáticas que demandam a modificação de entendimento tradicional de identidade” (2008, p. 16).

Durante os anos oitenta deste século, autores como Bhabha (2005) e Hall (2000) estabeleceram um novo modelo de construção de identidade e alteridade que passaram a ser entendidos como a coexistência de culturas múltiplas sem a dualidade redutora estabelecida entre centro/periferia e dominador/dominado, “celebrando-se o intelectual pós-colonial como parasita produtivo capaz de se aproveitar de sua condição apátria para encenar gestos subversivos” (OLINTO, 2008, p. 18).

Como já foi dito, muitas mudanças ocorreram e, de certa forma, o migrante, por exemplo, ganhou mais espaço, porém sabe-se que as relações culturais entre colonizador/colonizado estão longe de ser totalmente integradoras. Como mostra Hushdie, no conto, pode haver mais espaço para as relações entre o imigrante do oriente e os ingleses, mas as diferenças nunca serão totalmente superadas.

Pode-se dizer que papel do migrante assemelha-se ao do exilado. Said (2005, p. 55) aborda o sofrimento dos que são deportados (semelhante ao do migrante), obrigados a não apenas viver de maneira

Errante e desnorteada longe da família e dos lugares conhecidos, como também ser uma espécie de pária permanente, alguém que nunca se sentia em casa, sempre em conflito com o ambiente que o cercava, inconsolável em relação ao passado, amargo perante o presente e o futuro.

Inglaterra e Índia sempre mantiveram relações conflituosas, mesmo antes do final da Segunda Guerra Mundial. De início, o Congresso Nacional Indiano (representante da população hindu) e a Liga Muçulmana (representante da população islâmica) lideraram as lutas nacionalistas contra a Inglaterra. Depois, o imperialismo britânico começou a sofrer pressões com as campanhas de não-violência, promovidas por Mahatma Ghandi, responsável pelo movimento de libertação da Índia. Gandhi foi preso e, ao ser solto, realizou passeatas e um boicote ao sal vendido pelos ingleses. Diante disso, a Inglaterra, temendo maiores conflitos, gradualmente foi dando liberdade à Índia, para manter, ao menos, sua influência econômica. Os ingleses abandonaram a Índia, que se esfacelou em diversos grupos de rivalidades éticas e religiosas. Embora a Índia tenha tentado se organizar politicamente e hoje seja um polo tecnológico, ainda sofre com a ação de grupos extremistas e a desigualdade social.

A partir dessas considerações, pensar-se-á no papel das personagens do conto *O corteiro* e suas relações com seu país de origem, no caso, a Índia.

Mary é descrita como uma “pequeninha senhora indiana de sessenta anos de idade com cabelos grisalhos presos atrás da cabeça num impecável coque, erguendo a frente do sári branco de barra vermelha” (RUSHDIE, 2011, p. 128). Por meio de sua descrição pode-se notar que ainda conserva os hábitos de vestir indianos, embora já estivesse em Londres há muitos anos.

O porteiro, chamado por Mary corteiro, por sua dificuldade de pronunciar a letra p, é um gentil senhor, apaixonado por ela. No início do conto, comenta o fato de a Índia parecer, no Atlas, tão distante quanto o Paraíso. Para ele, “Hoje em dia o Paraíso estava ainda mais distante, mas a Índia, e o Inferno, estavam um pouco mais perto” (RUSHDIE, 2011, p. 128). A imagem que o porteiro faz da Índia é a de um país problemático, pois em sua concepção, ele se aproximaria do Inferno. Por pior que fosse sua situação em Londres, provavelmente era melhor do que a pobreza da Índia. Mecir era o nome verdadeiro do porteiro, que é identificado apenas como de origem de algum país da Cortina de Ferro, por causa de seu sotaque. A associação feita por ele, ao comparar a Índia ao Inferno pode estar relacionada com a condição também de seu país, provavelmente um país que sofre as agruras do imperialismo, ou com a consciência do que se faz com países colonizados como a Índia.

É interessante notar que uma das barreiras que poderiam separar Mary das pessoas em geral, acaba unindo-a ao porteiro, que sempre tenta ajudá-la, como quando ela retornava das compras puxando um carrinho de vime e dizia a ele:

“Vou fazer confras”, e quando, ao voltar, ele se oferecia para ajudar a levantar o carrinho até o alto dos *ghats* da frente, ela respondia: “Sim, for favor”. Enquanto o elevador a levava para cima, ela gritava pela grade da porta: “Ei, corteiro! Obrigada, corteiro”. Oh, sim, certamente. (Em hindu ou em concai, porém, os PP eram colocados nos lugares certos) (RUSHDIE, 2011, p. 129).

O sotaque do porteiro também era bastante diferente para os padrões linguísticos do narrador indiano que confessa que “O primeiro nome dele também começava com um m, mas estava tão cheio do que chamávamos de consoantes comunistas, todos aqueles *zz*, *cc* e *ww* agrupados juntos sem vogais para lhes dar espaço para respirar, que nunca nem tentei aprendê-lo” (RUSHDIE, 2011, p. 131).

A decisão do narrador em contar a história de Mary, concretizou-se quando ele recebeu notícias dela, pedindo dinheiro para ajudar a sobrinha com quem morava em Bombaim e estava com dificuldades financeiras. Ele e aya, como Mary era chamada, tinham ficado muito tempo sem se comunicar e ela já teria noventa anos e sequelas de uma cirurgia, como relatara.

O narrador havia enviado o dinheiro e recebido os agradecimentos de Stella, a sobrinha, por meio de uma carta que expressava a emoção da ex-serviçal e dela também, pois relatara que após ouvir tantas histórias sobre a família dele, sentia-se parte dela.

Ao receber a carta o narrador extravasa seus sentimentos, dizendo:

Essa mensagem de uma estranha íntima chegou até mim em exílio forçado do adorável país de meu nascimento e me comoveu, remexendo coisas que estavam enterradas lá no fundo. Naturalmente também me fez sentir culpado por ter feito tão pouco por Mary ao longo dos anos. Por alguma razão tornou-se mais importante do que nunca escrever a história que carreguei comigo não escrita por tanto tempo, a história da *aya* e do homem bondoso a quem ela deu um novo nome – com tons não intencionais, mas proféticos de romance – “o corteiro”. Compreendo agora que não é a história deles, mas a nossa, a minha, também (RUSHDIE, 2011, p. 131).

A história de Mary não valia a pena ser escrita apenas por ela, mas também porque se confundia com a própria história do narrador, saudoso de sua pátria. Para ele, a história era uma forma de resgatar sua memória, trazer de volta um pedaço do Oriente, local que ele havia optado por abandonar e não mais retornar. A memória, como define Le Goff (2003, p. 419), funciona “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

A rememoração do narrador o torna capaz de resgatar a memória da Índia, preservando a história de seu povo que é a sua própria história. Por meio dela, também o leitor é capaz de conhecer um pouco da história desse país ocidental. O narrador vai juntando seu passado e formando um mosaico de fios de lembrança, compondo um retrato de sua família, desde criança, até o dia em que escreve. Pode-se dizer que a recomposição da memória do narrador por meio da narrativa tem função semelhante a de um álbum de família, que segundo Bordieu (*apud* LE GOFF, 2003, p. 53).

Exprime a verdade da recordação social. “[...] As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, ordem das estações” da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos de sua unidade passada, ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações de sua unidade presente.

A memória funciona como um elemento essencial de identidade; no caso do narrador, tanto coletiva, como individual. Para o narrador a memória é uma forma de libertação, de exorcizar sua culpa por não querer mais voltar à Índia. É, ainda, uma maneira saudosa de recordar as pessoas e sua cultura, libertando-se de uma possível culpa em razão de suas escolhas.

O narrador começa recordando seu passado mais remoto no edifício onde Mecir era porteiro: os insultos que ele e as irmãs proferiam para Miscelania. Como um bom funcionário, o porteiro se calava, dizendo não se importar com o que diziam os adolescentes. Mecir era, assim como a família do narrador, um estrangeiro em Londres, vindo de uma classe social mais baixa do que a dos meninos que os insultava. Nota-se, então, que de certa forma o porteiro se subjugava à brincadeira das crianças, que mesmo ludicamente o oprimem.

Nas lembranças do narrador, seu pai era um homem austero, que se irritava com as coisas mais cotidianas, por exemplo, com o choro da filha Sherazade, atormentada no berço pelo narrador e pelas duas irmãs que cantavam, em vez de canções de ninar, suas versões pessoais de cantores como Chubby Checker, Neil Sedaka, Elvis e Pat Boone. O choro da garota rendeu-lhe a alcunha de Scare-Azade, ou, assustadora Azade, ao traduzirmos para o português. A austeridade do pai pode ser notada também em momentos como o que ele decide mudar para perto do internato onde o narrador estava e,

Como todas as decisões que ele tomava, esta não foi nem explicada nem discutida com ninguém, nem mesmo com minha mãe. Quando chegaram, ele alugou dois apartamentos adjacentes num decaído casarão de Bayswater chamado Graham Court, que espreitava furtivamente uma rua obscura que se arrastava ao longo da lateral do cinema ABC de Queensway na direção de Porchester Baths. Ele ficou com um desses apartamentos para si mesmo e pôs minha mãe, as três irmãs e aya no outro; e também eu, nas férias escolares (HUSHDIE, 2011, p. 133).

A arrogância do pai diante da esposa e dos filhos está relacionada com a cultura oriental, em que o homem tem total poder sobre as mulheres, podendo manter mais de um casamento e comprar e vender as mulheres como mercadorias. O pai do narrador, além de manter esses hábitos orientais, ainda era alcoólatra, hábito adquirido na Inglaterra onde, segundo o narrador, a bebida é vendida livremente. Por isso, era um alívio para a família o fato de ele ter ido morar em outra casa. Os hábitos arraigados no pai, provenientes de sua cultura unem-se aos da Inglaterra, como o hábito da bebida. A esposa era mal recebida na casa, nas noites de bebedeira do marido. A única que era chamada para atender aos pedidos do pai era aya Mary, por quem ele tinha profundo respeito, talvez por ela ser nove anos mais velha do que ele, como concluía Mary. O respeito aos mais velhos, embora permeie a cultura dos países em geral, é de grande valor nos países orientais.

Uma das mais fortes lembranças do narrador em relação ao passado e à opressão aos que vêm de países colonizados é a imagem do pai, voltando da farmácia, humilhado. Abba foi a uma drogaria comprar alguns suprimentos para Sherazade e acabou recebendo um tapa na cara de uma das vendedoras. Na verdade, por um problema de desentendimento linguístico, ele fora agredido, conforme relata à família:

Eu entrei lá com a lista que me deram. A moça parecia muito prestativa. Pedi expectorante para bebê, talco Johnson, pomada para os dentes que estão nascendo, e ela os trouxe. Depois, perguntei se tinha bicos de mama, e ela me deu um tapa na cara (RUSHDIE, 2011, p. 135).

O problema linguístico do pai, diferentemente do de aya, rendeu-lhe aborrecimentos. Abba não sabia que mama é um órgão do corpo feminino. Na verdade, o que ele realmente queria era um bico de mamadeira. Os filhos se divertiram muito com o fato ocorrido com o pai, mas para Abba, cujas raízes e boa parte da vida se ligavam ao Oriente, o incidente foi motivo de profunda mágoa. Na cultura oriental a mulher devia obrigação ao homem e jamais seria capaz de insultá-lo por qualquer motivo, mesmo estando certa. Aos olhos dos filhos a falta não parecia tão grave, pois suas raízes já haviam se misturado com as da Inglaterra, além do fato de serem mais jovens e, por isso, possuírem uma visão diferente da do pai, como bem percebe Todorov ao tratar dos efeitos do exílio, que aqui se transpõe, analogicamente, à imigração:

[...] as identidades culturais não são apenas nacionais, existem outras, ligadas aos grupos pela idade, sexo, profissão, meio social: em nossos

dias, todos já vivemos, ainda que em níveis diferentes, esse reencontro de culturas no interior de nós mesmos: somos todos híbridos. (TODOROV, 1999, p. 26).

O narrador diz nunca ter esquecido o ocorrido, dizendo que foi a única vez que vira o pai derrotado. Segundo ele,

O incidente tornou-se lendário e a moça da farmácia elevada a nosso objeto de grande veneração. (Durré e eu fomos até lá só para vê-la – uma moça baixa e simples, de uns dezessete anos, com enormes e inevitáveis seios –, mas nos pegou cochichando e nos lançou um olhar tão feroz que saímos correndo) E também porque, na hilariedade geral, fui capaz de disfarçar a vergonhosa verdade de que eu, que estava na Inglaterra havia tanto tempo, teria cometido o mesmo erro de Abba (HUSHDIE, 2011, p. 136).

A derrota de Abba foi motivo de alegria, porque de certa forma desconstruiu a alteridade do pai, o poder supremo exercido por ele sob toda a família. Mas o motivo maior da ironia foi o fato de o narrador notar que ele mesmo era uma vítima da cultura inglesa, da língua que não dominava. Hushdie chama atenção para a humilhação a que são expostos os imigrantes simplesmente por falta de conhecimento. A atendente da farmácia não pode ser responsabilizada pelo *insulto* proferido, mas poderia ter imaginado que se tratava de um engano já que o pai era portador de um sotaque bem diferente dos ingleses. A cena mostra o descaso com o estrangeiro, com aquele que não é semelhante. O imperialismo obriga, mesmo que de forma velada, as pessoas a se igualarem quando elas não são iguais, como bem percebe aya ao dizer: “– Estes ingleses – suspirou Mary – Certamente. – Fois não são eles o limite? Certamente – sim; são (HUSHDIE, 2011, p. 135).

O narrador conta o quanto sofria com as risadas dos colegas ingleses, que ridicularizavam suas confusões linguísticas, dizendo que os amigos de escola riam à socapa quando, à minha maneira de Bombaim, eu dizia *brought-up*, criação, querendo dizer *upbringing*, formação (como em “por onde você foi criado?”), o raro *thrice* por “três vezes”, e *quarter-plate* por *side-plate*, e *macaroni* para massa em geral (HUSHDIE, 2011, p. 136).

As diferenças culturais não se limitam ao âmbito linguístico, conforme já havia observado Hushdie em “Imaginary Homelands” (1991). Em um dos momentos do conto, o narrador reafirma o esnobismo do pai, quando Miscelânia vai procurar aya com

rosas na mão e toca a campainha da porta principal do apartamento. Abba, ao abrir a porta, dá um olhar *demolidor* para o porteiro e lamenta a falta de uma entrada de serviço e que uma pessoa de posição social menor do que a dele tenha que ser atendida pela mesma porta que uma visita por ele esperada.

A partir desse dia, Mary e o porteiro passaram a se encontrar com frequência. Há uma tentativa por parte de Miscelânea de integrar as culturas de ambos e a inglesa. No primeiro encontro, por exemplo, o porteiro leva aya para conhecer a Londres dos turistas, que ela não conhecia. Porém, o passeio não é bem sucedido, pois aya enrosca seu sári na escada rolante do Pyccadilly Circus, deixando-a quase sem roupa. O porteiro conseguiu evitar um incidente maior, apertando o botão de emergência e fazendo a escada parar.

Em outro momento da narrativa, o casal vai a lojas famosas de Londres e seleciona móveis para casas imaginárias. Mary vai ao apartamento de Mecir, toma *chá de chimpanzé* e come *crumpets*, bebida e comida típicas da Inglaterra. O porteiro também é responsável por inserir Mary no mundo midiático. Aya torna-se fã dos programas infantis, como o desenho Flinststones (que embora se passe na Idade da Pedra, aborda temas do contexto norte-americano) e se revolta ao assistir um noticiário inglês em que um repórter transmite uma advertência contra imigrantes.

Enquanto Mary tinha muitas dificuldades em se adaptar ao mundo inglês, não se sujeitando a aceitar mais os valores ingleses, o narrador tenta incorporá-los, por exemplo, quando se envolve com Chandni, uma *espécie de prima* que misturava bem sua cultura com a ocidental, pois

Estava treinando para dançarina indiana clássica [...], mas nos intervalos vestia jeans pretos agarrados e um *jumper* preto aderente de gola pólo, e de quando em quando me levava ao Bunjie's, onde ela conhecia quase todos os apaixonados por música folk que frequentavam o lugar, e onde ela atendia pelo nome de Moonlight, que é o que chandni significa (HUSHDIE, 2011, p. 138).

Pelo parágrafo acima, é possível perceber a mistura cultural promovida pelo processo de globalização e o desejo do narrador e de sua prima de se integrarem a essa diversidade. As identidades são, como se evidencia, móveis. O narrador tenta se comportar de uma forma em sua casa para satisfazer os costumes orientais da família, mas também assume outras identidades, ao tentar se adaptar à cultura inglesa. Sua prima também age

dessa maneira, mudando até seu nome, para um de significado equivalente em língua inglesa. Há uma perda das raízes indianas, quando Chandni se transforma em Moonlight, mostrando seu lado facetado, seu ecletismo cultural e identitário. Acerca das identidades que se modificam desde o iluminismo até o pós-modernismo, Hall (2000, p. 9) afirma que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no século XX. Isso está fragmentando paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de “um sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento, de descentração do sujeito.

Segundo Hall há três concepções de identidade, a saber: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo concebia-se na pessoa humana, no indivíduo centrado na razão, unificado: “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (HALL, 2000, p. 11).

O sujeito sociológico tinha como base a complexidade do mundo moderno emergente e a noção de que “o núcleo interior do sujeito não era autônomo, autosuficiente” (HALL, 2000, p. 11). O sujeito sociológico percebeu que seu núcleo era formado na sua relação com outras pessoas que mediavam, para ele, os valores, a cultura. A identidade forma-se, para este tipo de sujeito, na interação: “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o eu social, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’” (HALL, 2000, p. 12, grifo do autor) e as identidades que esses mundos oferecem.

O sujeito que possuía identidade fixa está se fragmentando, compondo-se de várias identidades, ou seja, a identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos.

Não há mais uma identidade única. À medida que se multiplicam os sistemas de representação cultural e os sistemas de comunicação, ela passa a mudar constantemente,

tornando-se múltipla. Cada uma das suas possibilidades identifica-se com as pessoas, apenas temporariamente.

O sujeito do iluminismo teve suas características focadas nos pressupostos de Descartes, para quem o sujeito moderno nasceu dentro da dúvida e do ceticismo, e de Locke, que dizia ser o indivíduo, possuidor da mesma identidade sempre. À medida que o tempo passou, as sociedades modernas tornaram-se mais complexas e adquiriram “uma forma mais coletiva e social”, de acordo com Hall (2000, p. 29).

O sujeito social foi sustentado pela biologia de Darwin, em que a razão tinha uma base na natureza e a mente um fundamento no desenvolvimento físico do cérebro humano. O surgimento das novas ciências sociais também contribuiu para a noção de sujeito social. O estudo do indivíduo e dos processos mentais dele torna-se objeto de estudo e principal preocupação no campo da psicologia.

O sujeito social está associado ao surgimento do modernismo. A figura do indivíduo é a de um ser isolado, alienado, exilado, “colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (HALL, 2000, p. 32).

Exemplos desse sujeito podem ser encontrados em Baudelaire em *O pintor da vida moderna* que constrói sua casa no coração da multidão e se torna o único corpo no meio dela e em Kafka, em *O Processo*, com o turista *K*, uma vítima anônima, sem rosto.

O sujeito iluminista apoiava-se na certeza de uma razão autônoma em relação ao mundo exterior. O sujeito social baseava-se na certeza de uma identidade definida pelo contexto social. O sujeito pós-moderno assume-se mais como produto dos discursos sociais, das próprias teorias sobre o homem, dos meios de comunicação, do sistema educacional, do que como ser autônomo capaz de desvendar os mistérios do universo, como pensava Descartes, podendo agir para mudar o mundo (sujeito social) – por isso, para os artistas que adotam a perspectiva de um sujeito pós-moderno, a única forma de crítica ou de atuação possível é a intervenção nos próprios sistemas de comunicação apontando o quanto de ficcionalidade e de ideologia existe em todas as áreas do saber: comunicações, história oficial, entre outras áreas.

Para justificar o deslocamento do sujeito moderno para o pós-moderno, Hall (2000, p. 38-43) cita cinco fatores. O primeiro deles seria o equívoco de Marx ao considerar que não havia uma essência universal de homem e que essa essência é o atributo de cada indivíduo singular, real. Outro descentramento seria a descoberta de Freud

do inconsciente. Para ele, os desejos, a identidade e a sexualidade têm sua origem em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que não apresentam relações com a razão. Os pressupostos de Freud anulam o conceito do sujeito racional, que possuía uma identidade unificada, proposto por Descartes. Lacan também contribui para o descentramento do sujeito, dizendo que a formação do eu no olhar do outro indica a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma. Esses sistemas externos são a língua, a cultura, a diferença sexual. A identidade, nesse sentido, é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes; ela não é inata.

O terceiro descentramento está baseado nos pressupostos de Saussure que afirma não serem as pessoas, autoras das suas afirmações, nem dos significados expressos por elas na língua porque ela é um sistema social preexistente a nós. Como relata Hall (2000, p. 40): “Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”.

O quarto descentramento está localizado nos conceitos de Foucault, principalmente no chamado poder disciplinar, isto é, regulador das populações, do indivíduo e do corpo. Esse poder é representado pelas oficinas, escolas, prisões, quartéis, hospitais: os micropoderes. O interessante no pensamento de Foucault, do ponto de vista da história do sujeito moderno, é notar que o poder disciplinar, embora “seja o produto das novas instituições coletivas e de grande escala da modernidade tardia, suas técnicas envolvem uma aplicação do poder e do saber que individualiza ainda mais o sujeito e envolve mais intensamente o seu corpo” (HALL, 2000, p. 43).

O quinto descentramento citado por Hall é o feminismo, enquanto movimento social e crítica teórica. Esse movimento surgiu durante os anos sessenta, junto com as revoltas estudantis e os movimentos contra culturais. O quinto descentramento liga-se ao quarto porque o feminismo não deixa de ser uma organização de micropoder.

A partir destas observações, pode-se intuir que a concepção de sujeito fixo do iluminismo desaparece, transformando-o em um sujeito aberto, inacabado, fragmentado, que passa da condição de sujeito moderno a sujeito pós-moderno.

A questão dos descentramentos é relevante para se entender a complexidade e os paradoxos em que se encontra o sujeito migrante, plurifacetado, multicultural, como são alguns dos personagens de Rushdie no conto.

O narrador possuía o sonho de conseguir a cidadania britânica, concretizado com ajuda de marechal de campo, sir Charles Lutwidge- Dodgson, um velho indiano, amigo de sua família, mostrando seu desejo de se integrar ao modo de vida britânico. A vontade de adquirir a cidadania estava ligada à vontade de ganhar sua liberdade, tanto para poder transitar livremente pela Europa, quanto para se ver livre da austeridade do pai, como externa após se dizer cansado das brigas de Abba com a irmã Muneeza, tão austera quanto o pai:

E olhava para meu colérico e carrancudo pai e pensava na cidadania britânica. Meu passaporte indiano me permitia viajar somente para um número muito pequeno de países, os quais eram meticulosamente alistados na segunda página ímpar. Mas em breve teria um passaporte britânico, e então, de qualquer maneira, iria me livrar dele. Não teria aquela carranca na minha vida (HUSHDIE, 2011, p. 150).

Somente depois de rememorar o passado, o narrador percebe que, em sua adolescência, tinha a ilusão de querer fugir do pai. Em sua elaboração sobre a vida, já adulto, nota que os filhos possuem muitas das características dos pais que tentam negar, conforme relata, ao dizer: “a gente não o vê no modo como nos mantemos de pé, no modo como assinamos nosso nome. A gente não houve o sussurro dele em nosso sangue.” (HUSHDIE, 2011, p. 150). Apenas quando se adquire maturidade é possível perceber o quanto se está enraizado no mundo familiar e o quanto as pessoas se espelham em seus pais, mesmo negando que o façam.

Quanto ao porteiro, tinha muitas dificuldades com a língua, mas encontrou uma linguagem comum ao do jovem indiano no xadrez. Mecir era um empregado dedicado que foi humilhado para proteger os condôminos do prédio em que tomava conta. Fora os insultos das crianças, ele também teve que conviver com a violência ao apanhar de dois homens para defender o marajá P... e o marajá B..., que também moravam com sua família no prédio. Ambos haviam dado uma recompensa em dinheiro para o porteiro em troca de seu silêncio. Fora recomendado a ele que se calasse, quando fosse procurado por *homens vulgares*. A confusão tinha sido gerada por causa do envolvimento dos marajás com mulheres que não suas esposas.

Mary, apesar de gostar de Mecir, descobre que seu lugar é de fato o Oriente. Adoece e não se encontra causa alguma para seus sintomas, concluindo-se que seus

problemas de saúde deveriam estar relacionados com a falta que sentia de seu verdadeiro lar, a Índia. Aya se desculpa com a mãe do narrador e diz que terá de voltar para que fique curada. Amma ainda tenta convencê-la a ficar, alegando que “saudade da pátria não é uma doença de verdade” (HUSHDIE, 2011, p. 155), mas Mary estava realmente decidida a resgatar suas raízes nunca abandonadas. Nunca se acostumara aos costumes ingleses e para ela o sofrimento já havia sido suficiente, lamentando: “Só Deus sabe por que viemos para este país”. Na impossibilidade de encontrar razões para a mudança para a Inglaterra, Mary busca razões divinas para justificá-la.

A despedida de Mary não teve a presença do porteiro, que preferiu não assistir à partida. Mas quem mais sentiu a falta de Mary foi o narrador, que disse ter pensado, no momento que aya foi embora, como ele ficaria. Sentia-se solitário, porque ela era seu apoio, sua força. Conforme pensara, Mary se curou após seu retorno a Bombaim. Não foi apenas Mary que retornou a Bombaim, mas a família do narrador.

Consoante o narrador, seu pai decidiu ir embora sem se justificar, simplesmente disse que decidira *mudar a locação* para o Paquistão. Como sempre, não houve conversa nem explicações, só o simples decreto. Ele desistiu do arrendamento do apartamento de Waverly House no final das férias de verão, e partiram todos para Karachi, enquanto eu voltava para a escola (HUSHDIE, 2011, p. 156).

O narrador em sua busca por resgatar o passado, por entender sua história, retorna a Waverly House uma última vez na esperança de encontrar o porteiro, mas ao chegar descobre que um novo porteiro está em seu lugar e não consegue descobrir o paradeiro de Miscelânia. Ao tentar atar sua adolescência ao momento da narrativa descobre sua dualidade: uma alma indiana diante de uma cultura britânica promissora. Conforme ele mesmo conclui, continua sendo um estrangeiro em sua essência, portanto um ser híbrido, que tenta sobreviver ao colonizador como pode, mas sempre em conflito com suas decisões. Por um lado celebra a liberdade de poder transitar livremente sendo um cidadão britânico; por outro, sabe que para isso precisou abdicar de muitas de suas convicções ligadas ao Oriente, de acordo com seu relato:

Tornei-me cidadão britânico naquele ano. Fui um dos afortunados [...] E o passaporte de fato, de várias maneiras libertou-me. Permitia-me ir e vir, fazer escolhas que não as que papai desejaria. Mas também eu tenho cordas em torno de meu pescoço, tenho-as até hoje, puxando para esta e aquela direção, Oriente e Ocidente, os laços apertando, ordenado: *escolha, escolha*.

Pinoteio, bufo, relincho, empino-me, escoiceio. Cordas, não as escolho. Laços, laçarias, não escolho nenhum de vocês ou ambos. Estão me ouvindo? Recuso-me a escolher (RUSHDIE, 2011, p. 156-157).

O narrador sente-se sufocado pela pressão exercida por esses dois mundos, mas tenta encaixá-los a sua maneira, buscando sobreviver em uma cultura diferente, a qual abraça por melhores oportunidades de vida, deixando questionamentos em torno da identidade do imigrante. Para o narrador não é necessário escolher um dos lados, mas sim formar uma cultura integradora, que possa traçar laços tanto do Oriente, quanto do Ocidente. Uma cultura da inclusão, que aceite o hibridismo como condição social da humanidade e única forma de se diminuir a desigualdade entre os seres humanos. Rushdie coloca na fala do narrador a voz de muitos imigrantes que sentem oprimidos e que sabem que os grandes discursos, conforme aponta Lyotard (1988) estão falidos, dando espaço para o discurso das minorias. Segundo Lyotard, os metarrelatos só seriam obtidos por meio de um consenso o que, para ele, não passa de um horizonte sem possibilidade de ser atingido.

Segundo Lyotard (1998, p. 118),

[...] não existe nenhuma razão de se pensar que se possa determinar metaprescrições comuns a todos os jogos de linguagem e que um consenso revisável, como aquele que reina por um momento na comunidade científica, possa abarcar o conjunto das metaprescrições que regulem o conjunto dos enunciados que circulam na coletividade. É ao abandono desta crença que hoje se relaciona o declínio dos relatos de legitimação, sejam eles tradicionais ou modernos (emancipação da humanidade, devir da idéia). É igualmente a perda desta crença que a ideologia do sistema vem simultaneamente suprir por sua pretensão totalizante e exprimir pelo cinismo do seu critério de desempenho.

Observa Lyotard que a condição pós-moderna se inaugura pela atual "incredulidade" em relação aos grandes discursos produzidos no século XIX e explicadores da condição histórica do homem ocidental, nos seus aspectos econômicos, sociais e culturais. Segundo o autor, a pós-modernidade é antitotalitária, fragmentada, desafiando nossa inteligência para o que é heterogêneo, marginal, cotidiano. O cidadão deve integrar-se em comunidades. Na sua concepção, a pós-modernidade tem com a modernidade uma relação de ruptura com a história, com os grandes discursos de salvação.

As considerações de Lyotard são bastante pertinentes no que tange ao fragmentarismo e à inserção do homem em comunidades. A vida do imigrante, como mostra Rushdie, é realmente plurifacetada. Lyotard fala sobre a condição da ciência e da tecnologia, do conhecimento e da informação na pós-modernidade. Ele aponta que o processo iniciado com a Revolução Francesa e com os filósofos do Iluminismo, que ele chama de metanarrativas, está agora obsoleto, e um reflexo disso é a crise da filosofia metafísica e das instituições universitárias. O pós-modernismo para Lyotard se constrói através da descrença em relação às metanarrativas. Ao desconsiderar a existência das metanarrativas, o filósofo afirma que os conceitos ligados ao espírito, ao acúmulo de riquezas, enfim, àqueles pressupostos que faziam parte da sociedade moderna, calcados nas premissas do Iluminismo já não fazem mais sentido dentro de uma sociedade em que já não há mais um centro. Tem-se apenas o discurso das pequenas narrativas, de culturas localizadas.

Para Lyotard a ciência moderna legitimava-se com relação a grandes sínteses homogeneizadoras; a ciência pós-moderna se legitima pelo heterogêneo, pela diferença, pelo hibridismo, como se pode notar no texto de Rushdie.

Eagleton retoma as idéias de Lyotard e afirma que,

A vida humana não se caracteriza por uma totalidade e uma racionalidade dominadoras, um centro fixo, uma metalinguagem que possa apreender sua infinita variedade; há apenas uma pluralidade de culturas e narrativas que não podem ser hierarquicamente ordenadas ou “privilegiadas”, e que devem, portanto, respeitar a inviolável “diversidade” de fazer coisas que não são intrínsecas (EAGLETON, 1977, p. 317).

Não é de estranhar, então, que autores como Rushdie se interessem pelas questões híbridas, como a tratada no conto, por meio de personagens atormentados pela cobrança de uma escolha que não se pode fazer. O imigrante jamais perderá suas raízes e, ao mesmo tempo, não deixará de ser influenciado pela cultura do outro, do país que passa a habitar.

Referências

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BORDIEU, P. In: LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas, S.P: Editora da Unicamp, 2003.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

HUSHDIE, S. O corteiro. In: _____. *Oriente, Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Imaginary Homelands*. Londres: Granta Books, 1991.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas, S.P: Editora da Unicamp, 2003.

LYOTARD, J.-F. *O pós-moderno*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

OLINTO, H. K. *Constelações híbridas*. Itinerários: Revista de Literatura, Araraquara, n. 27, p. 15-31, 2008.

SAID, E. *Representações do Intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TODOROV, T. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

A LOOK AT EAST AND WEST: HYBRIDITY IN THE STORY “O CORTEIRO” BY SALMAN RUSHDIE

ABSTRACT

The aim of this paper is to see how the hybridity is configured in the story *O corteiro*, by Salman Hushdie, mainly through two characters (Marry and the protagonist narrator) who immigrated from East to West, especially from India to England. In particular, we want to show the difficulties they face when they lose both their *places*, see themselves enforced to adopt a different language and live with people of social behavior and values very different from theirs.

Keywords: salman rushdie, hybridity, short story.